



Círculo de Estudos da Idéia e da Ideologia

"É mais fácil caçar uma dezena de homens inteligentes do que uma centena de idiotas". Essa verdade absoluta (que sempre dará aos Senhores os aplausos da centena de idiotas) parece evidente unicamente porque, no curso de seu raciocínio, os Senhores saltaram de uma questão a outra. Começaram e continuam a falar da captura do "Comitê" e da "organização", e agora passaram a uma outra questão: a captura das "raízes profundas". Naturalmente, nosso movimento é indestrutível porque tem centenas e centenas de milhões de raízes profundas, mas não é isso, de modo algum, o que está em questão. Nem mesmo agora, apesar do nosso trabalho artesanal, é possível capturar as nossas "raízes profundas" e, todavia, todos deploramos, e não podemos deixar de deplorar, a captura das "organizações", o que destrói toda a continuidade no movimento. Ora, se os Senhores levantam o problema da captura das organizações e insistem em discuti-lo, devo dizer-lhes que é muito mais difícil caçar uma dezena de homens inteligentes do que uma centena de idiotas, e continuarei a defender este ponto de vista, independentemente dos esforços que mobilizam para atizar a multidão contra meu "espírito anti-democrático" etc. Entende-se por "homens inteligentes", em matéria de organização, como apontei em várias ocasiões, apenas os *revolucionários profissionais*, não importando se estudantes ou operários os que se constituam como tais.

Pois bem, eu afirmo: (1) que não pode haver movimento revolucionário sólido sem uma organização estável de dirigentes, que assegure a continuidade; (2) que quanto maior for a massa espontaneamente integrada à luta, massa que constitui a base do movimento e nele participa, mais imperiosa será a necessidade de se ter tal organização, e mais sólida ela deverá ser (uma vez que será mais fácil para os demagogos arrastar as camadas atrasadas da massa); (3) que tal organização deve ser composta, principalmente, de homens voltados profissionalmente às atividades revolucionárias; (4) que, num país autocrático, quanto mais restrita for a aceitação de membros na organização - ao ponto de só participar dela aqueles que se dediquem profissionalmente às atividades revolucionárias e que já tenham preparação na arte de lutar contra a polícia política -, mais difícil será "capturar" tal organização e (5) maior será o número de pessoas, tanto da classe operária quanto das demais classes sociais, que poderão participar do movimento e colaborar ativamente nele."

V.I. Lenin, *Que Fazer?*, Cap. IV, C

Projeto:

0. Programa do CEII	p.4
1. Premissa fundamental	p.5
2. Objetivo	p.7
3. Metas	p.9
4. Funcionamento	p.11
4.1 Partido	p.11
4.2 Inscrições e Permanência	p.12
4.3 Trabalho	p.13
4.4 Participação à distância	p.18
4.5 Produção	p.19
5. Estrutura Institucional	p.22
5.1 Instâncias Decisórias	p.22
5.2 Documentação Institucional	p.23
5.3 Criação de novas células	p.23
5.4. Propaganda	p.24
5.5. Tempo	p.24
6. Estrutura Financeira	p.26
6.1 Cargos e Remuneração	p.26
6.2 Custos e Financiamento	p.26

Anexos:

- A1. Formulário de Inscrição
- A2. Formulário de Desistência

0. Programa do CEII

O Círculo de Estudos da Idéia e da Ideologia é um coletivo de trabalho que se orienta pela tarefa de pensar novas formas de militância e organização política. Com esse propósito, formamos laboratórios de pesquisa onde estudamos as ideias e problemas associados à hipótese comunista, assim como exercitamos a construção de mecanismos institucionais a partir desta investigação.

No cerne de nosso projeto, encontramos a seguinte afirmação: *é preciso sustentar a conjunção do pensamento com a militância*. Este é o enunciado que orienta nossas três decisões mais fundamentais: primeiramente, conquistar intimidade com o pensamento político contemporâneo, em seguida, assumirmos o compromisso militante sob a bandeira de um partido político, e, finalmente, trabalhar de modo a tornar essas duas decisões indistinguíveis.

Na tarefa de investigar os novos rumos da ideia comunista hoje somos guiados por uma constelação de nomes próprios: Alain Badiou, Slavoj Žižek, Jacques Rancière e Giorgio Agamben. Ao mesmo tempo, nosso compromisso com a militância se apresenta como um engajamento com os problemas concretos e localizados de cada conjuntura, e a filiação disciplinada aos partidos políticos que melhor encarnam suas contradições. No Brasil, um dos três países em que o Círculo trabalha atualmente, é o Partido Socialismo e Liberdade que nos serve de emblema e que nos oferece o material institucional para construirmos uma forma de pensar simultaneamente atrelada a condições universais e singulares.

O Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia é nacionalmente composto de células no Rio de Janeiro e em São Paulo, e permanece sempre aberto à inscrição de novos participantes e à criação de novos grupos - mantendo sempre como critério invariante a manutenção das ideias apresentadas em nosso projeto.

Todas as informações sobre o material de estudo, nossa rotina de trabalho, endereços e horários dos encontros, estão disponíveis no site www.ideiaeideologia.com.

1. Premissa fundamental

O Círculo de Estudos da Idéia e da Ideologia não existe. Inscrever seu nome no mundo é tarefa daqueles cujo desejo se engaja com a sua inexistência.

Mesmo não existindo o Círculo, existe um espaço sobre o qual é possível construí-lo. Esse espaço é demarcado por uma premissa fundamental:

existe partido político para além da função eleitoral.

Trata-se da afirmação de que o lugar do Círculo é um partido capaz de ser dividido entre sua função eleitoral e aquilo que está em excesso a essa função. Essa divisão, que assegura o espaço de construção do Círculo, é também refletida no próprio mecanismo de representação política, distinguindo dois modos de participação no processo eleitoral: o **voto simples** e o **voto investigativo**, ou voto de **pensamento**.

O voto simples é capaz de decidir o destino de um país dentro de um modelo político-econômico já vigente: decidimos qual dos candidatos *melhor se adequa ao presente* e confirmamos essa decisão contribuindo com um “+1” na contagem de votos. A trajetória do voto simples, portanto, começa com a campanha eleitoral, quando nos são apresentadas as informações de um candidato, e termina com a contagem de votos, quando nosso apoio é mensurado, comparado, e o novo representante é escolhido.

Sabemos, no entanto, que um programa propriamente *político* não pode ser construído apenas com o voto simples. O voto simples não tem o poder de transformar mesmo o mais relevante sucesso eleitoral em uma nova política. Isso porque trata-se de um voto *pela metade*: votamos em um candidato, mas, ao deixarmos de lado o trabalho de pensamento, *nossa ignorância vota por nós e reelege o presente*, reproduzindo cegamente as condições fundamentais em que vivemos. Nem o mais bem intencionado representante do povo pode transformar um mundo que recebeu, em silêncio, muito mais votos do que o próprio candidato.

O voto investigativo, por outro lado, por mais que seja contabilizado exatamente como o voto simples, não reduz sua função ao número que ele representa nas estatísticas: é o voto que não só afirma o apoio a um candidato, mas que, principalmente, afirma que o *eleitor apóia mais o candidato do que o mundo em que vive* - e atesta sua predileção produzindo, através da vida partidária, o exemplo de um outro mundo.

Ora, isso só é plausível se nos for possível conhecer o presente, e - mais ainda - conhecer algo que não existe no presente e que é merecedor de nossa paixão. É por isso que a trajetória do voto de pensamento não começa com a campanha, começa com o estudo, pois é preciso aprender a diferença entre *o presente* - o conhecimento do mundo como ele é e daquilo que o sustenta como tal - e *uma Ideia* - o conhecimento daquilo que ainda não existe, mas que é capaz de nortear um engajamento que atravesse as coordenadas do que é reconhecidamente possível.

E mais: trata-se ainda de uma trajetória que não tem término, pois o trabalho de transformar o presente nunca se completa - por isso, o voto investigativo *se universaliza*, seu teor político se transforma nos elementos de uma ética. Na trajetória do voto de

pensamento, a eleição é um momento evanescente cujo verdadeiro valor só pode ser medido a partir do trabalho que a atravessa.

Assim, a construção do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia depende de nossa capacidade de reconhecer seu lugar - isto é, de nossa capacidade de sustentar, *dentro de um partido político*, a premissa fundamental que apresentamos aqui, e que pode ser reformulada da seguinte maneira:

o eleitor não é o nome do sujeito político

Dada a disjunção fundamental entre esses dois nomes e, com isso, o deslocamento da função do partido, que passa a ser a casa dessa disparidade, surge como horizonte do trabalho partidário a fidelidade a uma verdade política. Isso é: o trabalho paciente que articula a *militância* - que é o modo de se fazer representar por um movimento político - ao *pensamento* - que é o modo de fazer equivaler um movimento político à investigação de uma Ideia.

É a coragem de assumir essa partição da instituição política que chamamos de *tomar partido*, e é no horizonte aberto por essa divisão que encontramos o espaço do Círculo.

Podemos derivar daí também o seu nome:

(1) é preciso marcar uma distinção dentro do partido:

Logo, trata-se da construção de um *Círculo*.

(2) essa distinção, refletida na diferença entre o voto simples e o voto investigativo, é marcada pelo pensamento.

Logo, trata-se de um Círculo de *Estudos*.

(3) essa marca, que distingue o eleitor do sujeito político, localiza dentro do partido a experiência de uma outra forma de organização, orientada pelo pensamento político:

Logo, trata-se de um Círculo de Estudos da *Ideia*.

(4) a criação, através da prática partidária, de uma forma irreduzível ao mundo tal como ele se apresenta depende de nossa capacidade de distinguir, em nós mesmos, a divisão entre o presente e a possibilidade do novo:

Logo, trata-se de um Círculo de Estudos da *Idéia* e da *Ideologia*.

2. Objetivo

É possível depreender da premissa inaugural o emblema do Círculo de Estudos da Idéia e da Ideologia - isso é, a bandeira sob a qual trabalham aqueles que se engajam com sua construção. Esse emblema se enuncia assim:

há pensamento político partidário.

A sutileza dessa formulação não deve ser tomada por simplicidade irrefletida, pois o convite ao pensamento, quando quem convida é um partido político, coloca em questão uma série de pressupostos ordinariamente aceitos como incontestáveis. Destacamos alguns:

“a política é uma questão de agir, não de pensar”

“a política é uma atividade coletiva, o pensamento é individual”

“o conhecimento deve ser imparcial, pois a parcialidade aliena”

“a instituição é rígida, o pensamento é livre - logo, são incompatíveis”

De modo geral, podemos extrair dessa série de contrariedades a constatação de uma suposta necessidade, cuja assunção respalda as mais diversas rejeições ao nosso emblema: o saber, quando aliado ao poder, sempre produz alienação. Trata-se de uma crítica direcionada justamente a possibilidade de inventar uma conjunção do pensamento com a militância.

Assim, para que seja possível dar corpo ao emblema do Círculo, é necessário que sejamos capazes de responder a essa suposição, investigando tanto os pressupostos em jogo na denúncia de uma vocação totalitária de qualquer ideal emancipatório que reivindique o lugar de orientação da prática concreta, assim como inventando uma noção de militância que seja capaz de subtrair-se dos debates inócuos a respeito da dicotomia entre teoria e prática. Ou seja:

*é preciso pensar o que é o engajamento político
e é preciso que a militância seja ela mesma uma forma de pensamento.*

Dessa afirmação nós podemos também extrair quatro nomes próprios, cada um demarcando uma articulação fundamental entre os dois enunciados que compõe essa diretriz:

(1) A construção de um *Círculo* que distingue duas partes dentro de um partido político - uma dimensão transitiva, voltada para as demandas concretas do mundo tal como ele existe, e uma dimensão intransitiva, e que, do ponto de vista do mundo, não responde a nenhuma demanda específica - deve ser capaz de distinguir entre uma dimensão política orientada pela *finalidade* e outra guiada pela *inoperosidade*. Isto é, a construção do espaço do Círculo depende da nossa capacidade de conceber o que é uma *comunidade sem propósito*.

Quem nomeia essa tarefa é **Giorgio Agamben**.

(2) Um Círculo de *Estudos*, cujo emblema propõe a articulação do pensamento com a militância, tem o dever de transformar seu próprio funcionamento num exemplo desta orientação. Assim, é preciso inventar um conceito de estudo em que seja *possível fazer um uso produtivo da mestria* - colocando o poder a serviço do saber - assim como fundar um método de trabalho que estabeleça um laço entre os participantes com base na *comunidade de problemas* - produzindo poder a partir das vicissitudes do saber.

Quem nomeia essa tarefa é **Jacques Rancière**.

(3) Um Círculo de Estudos da *Ideia* - isto é, um espaço destinado à invenção de uma instituição concreta, mas cujo princípio de construção é algo que ainda não existe - precisa ser capaz de afirmar que existe uma prática que, engajada e orientada pelo o que inexistente, é indistinguível de um pensamento. Ou seja, é preciso investigar em que sentido a política pode ser *a incarnação de uma Ideia*.

Quem nomeia essa tarefa é **Alain Badiou**.

(4) Um Círculo de Estudos da *Idéia* e da *Ideologia* não pode, no entanto, deixar de se questionar sobre a diferença entre o trabalho de transformação do mundo e o dispêndio de energia que investimos em repetir suas coordenadas atuais. Isto é: precisamos conceber de que maneira os laços sociais existentes são capazes de se fortalecer a partir do nosso ímpeto de excedê-los, e, a partir dessa investigação, pensar o que seria *uma intervenção política* irreduzível aos processos ideológicos que colocam a vontade de mudança à serviço da manutenção do presente.

Quem nomeia essa tarefa é **Slavoj Žižek**.

Agamben, Rancière, Badiou e Žižek: esses são os nomes que orientam a própria articulação, a pronúncia, do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia e de seu objetivo. Na encruzilhada de seus projetos filosóficos, encontramos a mais radical e corajosa tentativa de produzir uma nova afirmação da hipótese comunista, compartilhando a premissa de que o núcleo opaco do que é *comum* - a inutilidade, a ignorância, a inexistência e o sintoma - é também o que enlaça o pensamento e a militância.

Por fim, constatamos que o objetivo do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia compreende dois momentos: num primeiro tempo, nos orientamos pelo estudo desses pensadores, ganhando intimidade com seus diferentes projetos filosóficos e os problemas que esses nos permitem discernir. Em seguida, uma vez que o estudo disciplinado nos defronta com questões concretas de poder e organização, usamos nossas elaborações conceituais para formalizar e intervir sobre os obstáculos que se interpõem a nossa prática institucional, testando de maneira local os preceitos de uma nova orientação militante.

3. Metas

Afirmamos que o Círculo não existe, dando primazia, assim, ao engajamento de cada um com o desejo de que o coletivo venha a existir. Definimos, em seguida, o objetivo do Círculo, suas diretrizes fundamentais, apontando uma pequena constelação de nomes próprios que nos permitem reconhecer em seu brilho os contornos desse desejo. Cabe-nos agora apresentar algumas das metas do Círculo - isso é, traçar os elementos principais da estratégia que poderá produzir, através do trabalho dos participantes, consequências concretas no mundo. Mesmo que possamos verificar a existência de traços institucionais, ou de um projeto escrito, nada além das consequências que produzirmos autorizam-nos a declarar que o Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia existe.

Condensamos nosso objetivo na seguinte formulação:

*é preciso pensar o que é o engajamento político
e é preciso que a militância seja ela mesma uma forma de pensamento.*

Da primeira parte desta proposição, podemos extrair agora os marcos iniciais do nosso trabalho, desenvolvendo em tarefas concretas aquilo o que chamamos anteriormente de *primeiro tempo* de nossa prática:

- (1) Estudar o quadro conceitual dos projetos filosóficos de Žižek, Badiou, Rancière e Agamben.
- (2) Analisar, guiados pelo estudo desses filósofos, as contradições determinantes do discurso e da prática política tal como ela se apresenta hoje.

No entanto, se considerássemos apenas essas duas metas, não seria possível distinguirmos o Círculo de um grupo de estudo, separar um coletivo sustentado pelo engajamento com problemas do pensamento de um grupo que faz resumos e explicações das obras de grandes pensadores. Por isso, é preciso suplementá-las por uma outra tarefa:

- (3) Desenvolver práticas capazes de discernir em nosso trabalho aquilo que é da ordem do sentido efêmero e o que é da ordem da elaboração.

Estas são, portanto, as três metas que compõem o primeiro vetor de nosso objetivo: a elaboração disciplinada de um pensamento capaz de apreender as determinações e problemas concernentes à militância política. O segundo vetor ou momento - em que nos debruçamos sobre os fracassos e obstáculos do primeiro, tratando-os como o real material de trabalho do Círculo - é pontuado pelas seguintes tarefas:

- (4) Fazer a manutenção das diretrizes institucionais que permitem a organização de nosso espaço de estudo.
- (5) Analisar, guiados por nossa experiência de organização, os impasses e suposições em jogo na vida institucional do partido e no discurso político atual.

Ainda assim, por mais que essas duas novas metas sejam responsáveis pela associação do estudo com a prática partidária, o conjunto de tarefas não nos permitiria distinguir o Círculo de um laboratório de teoria política. É preciso, portanto, adicionar uma meta suplementar, que transforma a associação entre pensamento e militância em sua verdadeira conjunção:

(6) Assumindo a hipótese de que há pensamento partidário, tomar como material de estudo nossos próprios fracassos institucionais, elevando-os tanto a categoria de obstáculos privilegiados, que desafiam e testam nossas elaborações conceituais, quanto à dignidade de problemas capazes de orientar reformulações de nosso projeto.

Poderíamos ainda apontar, esquematicamente, que as metas **1** e **2** dizem respeito ao pensamento, as metas **4** e **5**, à militância, e as metas **3** e **6** à interpenetração dos dois. É somente quando tomadas em conjunto - isto é, quando sustentarmos o *processo* delineado por essas tarefas - que podemos tomar o Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia como causa dos efeitos que produz.

4. Funcionamento

Desdobramos agora o funcionamento do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia em seus principais componentes: **(1)** a relação do Círculo com o partido que o acolhe; **(2)** os critérios para a inscrição de participantes; **(3)** o trabalho de elaboração realizado nos encontros; **(4)** as condições alternativas de participação nesse trabalho; e, por fim **(5)** a tipologia das produções do Círculo.

4.1 Partido

Retornemos por um momento à nossa asserção inaugural:

há pensamento político partidário

Esta pode agora ser reformulada da seguinte maneira:

tomar partido é uma condição para a construção do Círculo.

Isso significa que a bandeira de uma instituição não tem apenas o papel de autorizar ou legitimar o espaço de trabalho do coletivo, mas *condiciona nossa capacidade de pensar*. É portanto de extrema importância didática - pois trata-se de algo que é preciso *aprender* - que sejamos capazes de manejar os efeitos produzidos por um lugar de estudo marcado pelo desejo, irreduzivelmente presente em todo partido político, de tomar o poder. Tomar partido é uma condição necessária para a exposição do Círculo ao nó entre pensamento e militância - laço que funda e justifica a sua existência.

No entanto, a manutenção desse lugar - onde a tensão entre saber e poder produz consequências para nosso funcionamento - requer alguns esclarecimentos, tanto para os participantes do Círculo quanto para o próprio partido.

Primeiramente, é necessário esclarecer: *o laço entre o Círculo e seu partido não é o mesmo que o laço entre os participantes do Círculo e o partido*. Não é condição de ingresso no Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia a prévia filiação de um indivíduo a um partido específico, mas sim a capacidade de suportar a prática de um pensamento que tem lugar sob essa bandeira. O que nos é essencial não é a comparação de diretrizes partidárias comuns, mas a comum problematização do que é ser representado por um emblema político hoje, qualquer que esse seja.

Em segundo lugar, tomar partido não significa apenas erguer um emblema, mas participar da máquina administrativa da instituição. Para tal, o Círculo se compromete a **prestar contas** de suas atividades com as instituições que o acolhem. A prestação de contas deverá ser feita através de relatórios que contenham:

- (a) Descrição de gastos
- (b) Descrição das atividades do Círculo durante o período correspondente
- (c) Acesso ao material produzindo nos encontros
- (d) Ofertas de possíveis contrapartidas do Círculo

Esses relatórios deverão ser apresentados com a frequência e o formato que melhor se adequar às organizações a que devemos nosso lugar.

4.2 Inscrições e Permanência

Assim como existe o voto simples e o voto com conhecimento, existe também a **inscrição simples** e a inscrição pelo desejo. Chamemos a segunda de **assinatura**: essa não se resume a inscrição contábil, que garantiria a participação de um indivíduo em um grupo, mas marca o engajamento continuado de um participante com o funcionamento do Círculo.

A assinatura, assim como o voto investigativo, tem uma trajetória que começa com uma decisão de pensamento, atravessa o momento da inscrição propriamente dita, e adentra na constituição daquilo a que se dirige, permanecendo operante no funcionamento e nas produções responsáveis pela manutenção e invenção do Círculo. *A assinatura é o que sustenta o Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia*, e não o contrário, como se dá no caso dos grupos e suas inscrições: sem o grupo não há inscrição, mas enquanto as assinaturas existirem, ainda existirá o Círculo.

Em termos de inscrição, o processo seletivo do Círculo é simples: é preciso preencher um **formulário de inscrição** que está disponível em nosso site e anexado ao presente documento. O formulário é dividido em uma seção de dados objetivos e uma segunda seção com perguntas conceituais.

Os novos formulários serão encaminhados para os participantes de *todas as células* do Círculo, e estes têm uma semana para manifestar seu voto a favor ou contra a entrada do inscrito, assim como para tecer quaisquer comentários adicionais quanto a sua posição. Não é obrigatória a participação dos membros do Círculo no processo de seleção - entendemos o voto de seleção de novos membros como um *direito* e não um dever. É digno de nota que, caso um participante queira votar, mas não entenda a língua em que o formulário foi escrito, é sua responsabilidade traduzí-lo. Após o prazo de uma semana, os votos serão contados e a decisão informada ao candidato.

A seleção de novos participantes é realizada de acordo com quatro critérios: **(1)** objetivos: disponibilidade de horários do candidato, números de participantes por célula, etc; **(2)** conceituais - resumidamente: a consideração de se as respostas às questões do formulário não contradizem o próprio preenchimento de um formulário para a participação no Círculo; **(3)** critérios subjetivos, uma vez que, além de considerações objetivas e conceituais, o *Círculo não exclui a dimensão arbitrária de sua decisão*: o participante que quer mais do que simplesmente se inscrever num grupo, assina seu nome junto a um emblema, ou seja, faz uma escolha - é preciso que o Círculo reconheça isso e também escolha o participante, não reduzindo o preenchimento do formulário a apenas um apelo por pertença. Finalmente, o ponto **(4)**, tal como consta no formulário, nota que *a leitura do presente projeto é um critério necessário para a inscrição - e o projeto deve ser citado nas respostas conceituais*.

Notamos ainda que o Círculo destinará um apoio financeiro àqueles que desafiarem suas dificuldades com o tempo e o dinheiro para sustentar suas assinaturas no Círculo - quanto mais participantes consentirem ao trabalho do pensamento contra a corrente, maior será nosso esforço para tornar esse desafio possível.

Serão consideradas inscrições tanto de membros do partido como de não-afiliados. Serão consideradas também inscrições de interessados que não morem nas cidades onde existem células do Círculo - constituindo o que será, a seguir, denominado **participação à distância** (e descrito no item 4.4).

É importante, ainda, definir os critérios de comprometimento que suplementam a inscrição, transformando-a em uma assinatura propriamente. Um desejo, afinal, não é só uma escolha pelo o que fazer, mas também pelo o que *não* fazer. Isso significa impor as seguintes condições e restrições a todo participante que deseja assinar a existência do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia:

(1) No caso de um participante falhar em cumprir com os princípios de trabalho (apresentados na seção 4.3) por 4 encontros seguidos, o encontro seguinte de sua célula será *suspense*. Caso a suspensão se prolongue por duas semanas, no caso de itens como as notas de trabalho, o participante em dívida será automaticamente afastado do Círculo.

(2) O compromisso com a existência do Círculo inclui também um desejo de tornar a saída ou desistência do grupo um objeto de estudo para os demais participantes. Por isso, caso alguém deseje sair do coletivo, oferecemos um **formulário de desistência** que, uma vez preenchido, autoriza que o participante em desligamento guarde o material de leitura lhe cedido pelo Círculo. Ao contrário, caso não seja do seu interesse preencher o formulário, o material deverá ser integralmente devolvido (livros, cadernos, etc).

Por fim, abrimos também espaço para aqueles que desejarem visitar o Círculo: é possível comparecer às reuniões como **ouvinte**, por um período de até 4 encontros - quando se torna, então, necessário preencher o formulário de inscrição. Como visitante, o ouvinte tem acesso ao material de leitura do encontro, mas não poderá intervir nas discussões - sua participação ativa é restrita a comentários e perguntas no site do Círculo, que serão remetidos às discussões da semana seguinte.

4.3 Trabalho

Nosso trabalho é sustentado pela seguinte afirmação: *a presença nos encontros do Círculo não é uma garantia de pensamento*. Marcamos, assim, uma distinção entre presença e participação. A presença é o que permite criar coesão através do sentido partilhado que é invariavelmente produzido quando muitas pessoas discutem um assunto, enquanto a participação é uma maneira de extrair da força do grupo uma razão para se engajar com aquilo que resiste ao entendimento. O mecanismo que opera a divisão entre presença e participação é a **nota de trabalho** do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia.

A nota de trabalho é um texto sem restrição de tamanho ou tema e que deve ser escrito individualmente após cada encontro do Círculo, e que será disponibilizado de maneira *anônima*. Seu único traço invariante é a referência direta ao assunto estudado na reunião anterior. A anatomia da nota de trabalho sobrepõe três funções diferentes:

(a) a nota é um pequeno fragmento de elaboração individual.

(b) a nota é um texto que orienta a direção da próxima reunião do Círculo.

(c) a nota é a marca de uma disciplina, um compromisso regular selado pela escrita.

Se a nota é um fragmento de elaboração é porque, ao escrevê-la, o participante fixa materialmente suas dúvidas, das quais pode então se separar e, assim, trabalhá-las. No entanto, mesmo que a nota de trabalho seja uma tarefa individual, é também, como todo trabalho, um vetor social - uma nota bem construída é aquela que transforma a falta de saber individual em falta de saber coletiva, de utilidade para todo o Círculo.

Como consideramos a produção da utilidade comum uma prova local e militante da hipótese comunista, afirmamos adicionalmente que o esforço de tornar o texto acessível para os demais participantes, evitando o jargão excessivo e os saltos conceituais, marca também o engajamento do participante com essa hipótese.

É muito importante frisar também que a direção dos encontros do Círculo são definidos tanto pelo material de leitura atual quanto pelas questões, críticas e ideias levantadas nas notas de trabalho do encontro anterior. Essa preocupação com a orientação do encontro seguinte permite que o participante trace distinções, em sua própria elaboração, entre problemas consoantes ou dissonantes - isso é, distinções entre problemas que formam, juntamente com as questões de outros participantes, uma orientação discernível para o próximo encontro, e problemas que demandam uma nova repartição do tempo de reunião para poderem ser discutidos.

O caráter de orientação das notas de trabalho implica, ainda, que uma admissão tardia de total falta de entendimento do assunto das reuniões anteriores é injustificável, não somente perante o Círculo, como perante aos demais participantes. A cada encontro surge novamente, através das notas, a oportunidade de formular dúvidas não discutidas na reunião - e essas questões e problemas, como vimos, são o único bem comum partilhado por todos os participantes. Em outras palavras, a falta de entendimento não pode servir como maneira de justificar o distanciamento de um participante do Círculo, uma vez que é justamente essa falta que une todos os membros do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia.

Por fim, a nota de trabalho é o meio pelo qual a assinatura realmente se distingue da inscrição no Círculo: trata-se de um compromisso anônimo, formal e vazio - na medida em que não há um conteúdo obrigatório para as notas e a nota não leva o nome de quem a escreveu - que marca repetidamente, e pelo tempo que o engajamento do participante durar, que o Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia existe e que existe uma dimensão de seu ser que pode ser contada e verificada.

Em suma, as notas de trabalho são **(a)** um modo de discernir problemas, **(b)** de produzir uma direção para o Círculo e **(c)** uma disciplina puramente formal. Tudo o que é escrito nas notas adquire, independente de seu conteúdo, essa composição tripartite.

Podemos agora apresentar as diretrizes de trabalho do Círculo, construídas em torno dos três mecanismos reunidos na nota de trabalho:

(1) Os encontros do Círculo não são debates informais.

Aprender a pensar dentro de um partido significa, antes de tudo, apostar na dimensão produtiva das determinações. Em outras palavras, significa explorar de que maneira a disciplina, as regras e a assimetria na gradação das posições num grupo podem nos ajudar a pensar. Essa investigação acontece a cada encontro, na figura de um participante que não ocupa a mesma posição dos demais dentro da configuração do trabalho. Chamaremos essa posição de **Mais-Um**.

Trata-se de uma posição ou função e não de um cargo - isto é, trata-se de um lugar diferenciado dos demais, mas que pode ser ocupado por qualquer um. A demarcação dessa diferença impõe tarefas tanto para aquele que ocupa o lugar diferenciado quanto para os demais participantes.

O participante que ocupa a posição de Mais-Um estará, pelo tempo em que exercer essa função, liberado de escrever notas de trabalho. No entanto, é sua tarefa ler todas as notas dos demais participantes, discernindo as questões ali elaboradas, verificando se as afirmações ali contidas de fato se suportam nos textos citados e no que foi discutido no encontro anterior. Esse trabalho de leitura será apresentado no início do encontro seguinte. Durante os encontros, o Mais-Um se ocupa, acima de tudo, de provocar elaborações nos demais participantes, tanto através de esquematizações parciais dos assuntos já discutidos quanto através da leitura continuada e atenta do textos sobre os quais o Círculo se debruça naquele momento.

Os participantes que não ocupam essa posição são, assim, confrontados com o seguinte desafio: organizar os encontros de modo que a existência do Mais-Um dependa somente daqueles que participam do Círculo e, ainda assim, seja determinante dos destinos dessa participação. É preciso, portanto, exercitar um respeito objetivo - o que não precisa ser distinguível de um *fingimento honesto* - por aquele que é, temporariamente, mais um Mais-Um.

(2) Os encontros do Círculo não são apenas debates formalizados, mas uma prática institucional.

O encontro entre o Mais-Um e os demais participantes não seria um encontro de pensamento se essa prática de estudo e disciplina não fosse enquadrada pelo trabalho de produzir e gerenciar os recursos necessários para a manutenção do espaço desse encontro. Esse enquadre administrativo, por sua vez, não contribuiria para o pensamento se não permeasse aquilo que enquadra. É preciso, assim, que exista um ponto que transite entre a gerência e a política do Círculo, ligando sua administração e sua orientação militante. Para tal, cada célula do Círculo conta com seu **Secretário-Geral**.

A posição do Secretário-Geral, ao contrário do Mais-Um, não é uma função ou lugar, mas um cargo. Isso significa que, na medida das possibilidades de financiamento do Círculo, o trabalho do Secretário deve ser remunerado. O pagamento de uma quantia, ainda que simbólica, serve para marcar a diferença entre o trabalho dos participantes, interno ao Círculo, e o trabalho do Secretário-Geral, que faz a manutenção do espaço onde podemos traçar a distinção entre dentro e fora do Círculo. Sem um administrador para gerir recursos, organizar encontros, tomar nota das inadimplências e demais informações necessárias para dar permanência aos procedimentos apresentados neste projeto, não há como produzir a dimensão institucional que é uma condição necessária - ainda que não suficiente - do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia.

É importante enfatizar que o Secretário deve ser também um dos participantes, estando sujeito às mesmas regras que os demais.

As tarefas do Secretário-Geral são: **(1)** produzir a documentação prescrita por esse projeto e por quaisquer outras instituições a que o Círculo venha a prestar contas; **(2)** manter a ordem durante as reuniões, especialmente no que diz respeito à manutenção dos horários e compromissos feitos entre o Mais-Um e os demais participantes; **(3)** ser o principal contato do Círculo com o Partido, com outras instituições, fornecedores e com o público em geral; **(4)** delegar quaisquer uma das três tarefas anteriores a outros participantes caso considere necessário. Em suma, o Secretário-Geral é aquele que é responsável pela aplicação do projeto.

A tarefa que recai sobre os demais participantes - inclusive sobre o Mais-Um - em relação ao Secretário-Geral é simples: obedecer ao Secretário como obedecem ao projeto do Círculo. Possíveis problemas com o Secretário podem cair sob duas categorias: problemas com o projeto que o Secretário segue - e daí será necessário alterar o projeto - ou problemas com a má aplicação do projeto - e daí será necessário alterar o Secretário. Em todo caso, sob todas as circunstâncias devemos um respeito diferenciado ao Secretário-Geral: se o Mais-Um é aquele que nos confronta com o que não sabemos, através da provocação do pensamento, O Secretário é aquele que nos confronta com o que não praticamos. Seu trabalho é indispensável.

(3) Só estudaremos diretamente as obras de Žižek, Badiou, Rancière e Agamben.

O Círculo se debruça exclusivamente sobre as obras dos autores mencionados no projeto e a escolha de qual texto será investigado é de responsabilidade do Mais-Um de cada célula. É importante deixar claro que *não pedimos que ninguém leia os textos anteriormente ou fora dos encontros*. Dedicaremos parte de cada encontro à leitura coletiva do texto estudado.

Nossa bibliografia secundária será determinada pelas obras de nossos autores principais, de acordo com os requisitos bibliográficos que estas pressupõem, e só serão lidos em conjunto caso haja uma demanda por parte dos participantes. A decisão de interromper uma leitura para dar lugar a um texto secundário, no entanto, permanece do Mais-Um encarregado de orientar as reuniões.

As leituras do Círculo não seguirão nem a cronologia dos livros, nem as interpretações oferecidas pelos comentadores: investigaremos a lógica interna das obras, admitindo que todo texto é, ao mesmo tempo, uma parte e um exemplo da totalidade de um dado projeto filosófico. Daremos prioridade, portanto, ao esclarecimento de um só texto sobre as referências numerosas, mas superficiais.

(4) Depois de cada encontro será necessário que todos os participantes elaborem uma nota de trabalho para o encontro seguinte.

Descrevemos acima o que é uma nota de trabalho: mecanismo desenvolvido pelo projeto - juntamente com a função do Mais-Um e o cargo do Secretário-Geral - para expor os participantes aos impasses da conjunção do pensamento com a militância. Descrevemos também suas três funções superpostas: a nota serve para **(a)** discernir problemas, **(b)** produzir uma direção para o Círculo e **(c)** para marcar uma disciplina puramente formal.

De acordo, o trabalho do Círculo demanda:

(a) que as notas façam referência, mesmo que indireta, ao assunto discutido no encontro, e, principalmente à leitura em curso.

(b) que as notas sejam entregues antes do encontro seguinte, com tempo o suficiente para que o Mais-Um leia todas e prepare a apresentação inicial do encontro seguinte.

(c) que a entrega das notas tenha prevalência sobre o conteúdo das notas. Preferimos receber uma nota com duas linhas de texto do que não receber nada - o gesto formal de entregar o material é mais importante do que a desenvoltura com que ele é desenvolvido.

Como foi descrito anteriormente, no item **4.2**, as notas são o principal recurso dos participantes para verificar seu compromisso com a existência de sua célula do Círculo - a nota de trabalho é o principal mecanismo de transformação da inscrição em assinatura. Como o engajamento com a existência do Círculo é mais importante do que o engajamento de um participante específico com uma nota específica, dado que essa relação é anônima, adicionamos ainda a seguinte cláusula:

(d) É preferível que um participante ajude o outro com suas notas, até mesmo escrevendo a notas pelo outro, do que não termos o número correspondente de notas de trabalho para o encontro seguinte.

(5) Haverá um espaço para apresentações voluntárias

Disponibilizamos a cada encontro o espaço comumente destinado a apresentação inicial do Mais-Um para apresentações voluntárias dos demais participantes sobre quaisquer temas associados ao Círculo - sejam esses conceituais ou institucionais.

Essas apresentações devem ser marcadas com antecedência, junto ao Secretário-Geral.

(6) Todos os encontros do Círculo serão gravados.

Após cada encontro, além das notas de trabalho, serão produzidos os seguintes materiais para consulta posterior:

- (a) O arquivo digital do texto sendo estudado.
- (b) A gravação em áudio da reunião.
- (c) Uma lista com toda a bibliografia citada
- (d) Um diagrama reproduzindo o que foi escrito no quadro
- (e) A gravação em vídeo das apresentações voluntárias.

Todo o material estará disponível digitalmente e, quando possível, em cópia física se requisitado.

(7) O projeto do Círculo está sob constante reformulação.

O presente projeto é fruto tanto de elaborações conceituais quanto da experiência prática dos participantes do Círculo - ambas produzidas a partir do exercício da versão anterior deste mesmo projeto. Isso significa que a própria aplicação do projeto pode produzir obstáculos e novidades que demandem sua revisão e refinamento.

O item 0. do projeto é de elaboração local, de cada célula do Círculo, e portanto pode ser alterado de acordo com critérios puramente locais. Todos os demais itens, cuja validade é global, versando sobre a existência do Círculo como tal, só podem ser alterados após uma reunião que conte com o Mais-um e o Secretário-Geral de todas as células.

As alterações do projeto - decorrentes dos percalços e demandas encontradas na prática conceitual e institucional de cada célula - devem ser remetidas ao Mais-Um da respectiva célula, que ficará responsável por organizar um documento contendo as sugestões de reformulação. Na reunião global, descrita no item 5.1, será então decidido quais alterações guiarão a reformulação do projeto, bem como o sub-grupo de participantes que ficará responsável por esse trabalho de escrita.

4.4 Participação à distância

É possível participar do Círculo mesmo não morando em uma cidade onde exista uma célula em funcionamento. Para aqueles que não podem participar presencialmente, o compromisso com as seguintes condições serve de qualificação alternativa para o engajamento com o nosso programa:

- (a) O participante à distância precisará escolher, em seu formulário de inscrição, a qual célula existente gostaria de pertencer. Assumirá assim a responsabilidade de ouvir a gravação das reuniões semanais disponibilizadas por essa célula específica, bem como acompanhar o material de leitura.

(b) Além da nota de trabalho semanal, escrita por todos os participantes do Círculo, o participante à distância terá ainda que realizar um comentário crítico no site do Círculo sobre a nota de trabalho de um outro participante de sua mesma célula.

(c) É essencial também que participe das decisões institucionais do Círculo, respondendo aos comunicados que demandam um posicionamento dos participantes. Mesmo que o participante pretenda se abster de tomar uma decisão, considerando que essa não o afeta, é ainda assim necessário que essa abstenção se dê por escrito, e não em silêncio.

(d) Uma vez havendo mais de três participantes à distância localizados numa mesma cidade, incentivamos a formação de uma célula local do Círculo, de acordo com o item **5.2**.

O não-cumprimento continuado de qualquer um dos termos expostos acima implicará no desligamento do integrante dos trabalhos do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia.

4.5 Produção

Além do trabalho de inscrição e manutenção do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia, descrito no item anterior, e cuja finalidade é retirar o Círculo da inexistência, existe também a dimensão produtiva de suas atividades, cujos resultados devem ter utilidade não só para aqueles diretamente engajados com sua inscrição no mundo.

A produção do Círculo pode ser dividida em três categorias: **(1)** produção **institucional**, **(2)** produção **conceitual** e **(3)** produção **clínica**.

(1) Produção institucional

A primeira atividade produtiva é definida por sua utilidade se estender à todas as instituições em contato com o Círculo - partidos, instituições acadêmicas, possíveis financiadores, parceiros em projetos, etc.

A **produção institucional** inclui, portanto, todo o material criado com o intuito de responder a possíveis demandas de outras instituições - por exemplo:

(a) prestação de contas: orçamentos, cronogramas, comprovação de gastos, etc

(b) relatórios: descrição de atividades realizadas, listas de presença, etc

(c) apresentações orientadas: seminários e aulas endereçadas à instituições específicas.

(d) circulares: textos com o propósito exclusivo de esclarecer pontos a respeito do Círculo para outras instâncias.

(e) contrapartidas: atividades desenvolvidas em resposta à participação de outras instituições no financiamento e manutenção do Círculo.

O principal responsável pela execução do trabalho produtivo institucional é o Secretário-Geral de cada célula do Círculo, mas as tarefas podem ser coletivamente realizadas ou delegadas pelo Secretário para um participante específico.

(2) Produção conceitual

Chamamos de **produção conceitual** aquele trabalho cujo resultado é útil de duas maneiras, simultaneamente: a produção que auxilia na investigação dos problemas associados aos nomes de Agamben, Badiou, Rancière e Žižek e que tem a utilidade adicional de afirmar que esses problemas são comuns à todos.

Assim, a produção conceitual se distingue das notas de trabalho por incluir o esforço de endereçar-se a outras instâncias - revistas, conferências, etc. Um texto que circule somente entre os participantes do Círculo será considerado como uma nota de trabalho até o momento em que inclua, além do trabalho da escrita, o trabalho de encaminhá-lo para uma publicação, seja oficial ou informal. É essa segunda parte do trabalho, a atividade de tornar um pensamento acessível à todos, que o qualifica como uma produção conceitual - dado que o conceito, além de ser uma categoria do pensamento, é uma categoria do que é comum.

Listamos algumas produções conceituais notáveis:

- (a)** publicações em revistas (acadêmicas, de partido, etc)
- (b)** publicação de livros
- (c)** participação em conferências
- (d)** participação em debates de foro público
- (e)** organização de eventos abertos à todos: cursos, seminários, etc.
- (f)** produção de filmes, entrevistas etc

Todos os participantes do Círculo são igualmente responsáveis pela produção conceitual e, enquanto as notas de trabalho são anônimas, esse trabalho pode ser assinado pelos participantes caso seja oportuno ou necessário.

A produção conceitual, na medida em que carrega o nome do Círculo, seja na autoria ou no respaldo institucional, deve ser apresentada aos demais participantes para comentários antes de publicada. Como no caso dos formulários, caso um participante de outro país não entenda a língua do texto original, é sua responsabilidade buscar os meios de traduzí-lo caso queira comentá-lo. Igualmente, os textos assinados pelo Círculo ficarão disponíveis digitalmente por uma semana antes de serem enviados para publicação.

(3) Produção clínica

O terceiro tipo de trabalho produtivo do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia configura um tipo de atividade paradoxal, pois trata-se do convite que estendemos a outros militantes e movimentos políticos para venham falar de seus projetos e atividades no Círculo. Ou seja, trata-se de uma atividade realizada *por outros, para o Círculo*.

É preciso esclarecer, no entanto, que essa inversão no vetor do trabalho permite que ainda assim designemos as falas dos visitantes como uma produção do Círculo. A hipótese que funda o Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia - e que é sustentada por nosso funcionamento - é que existe uma dimensão produtiva e útil na tensa conjunção entre pensamento e organização e no engajamento com os problemas que essa relação apresenta. Uma aposta que não está imanentemente incluída na atividade de relatar ou descrever uma prática ou ideia. Assim, a atividade de relatar uma experiência ou uma posição conceitual *só torna-se trabalho produtivo na medida em que o Círculo a escuta e intervém para revelar ali essa dimensão útil*.

Chamaremos de **produção clínica** toda atividade realizada pelo Círculo onde encontremos essa disjunção entre *atividade concreta*, realizada por um terceiro, e *hipótese de utilidade*, sustentada pelos participantes do Círculo, através de intervenções e da própria presença institucional, construída sobre essa premissa.

Alguns exemplos de possíveis visitantes:

- (a) militantes que participaram de eventos significantes
- (b) representantes de movimentos sociais e políticos
- (c) parlamentares e outros representantes do Estado
- (d) qualquer pessoa interessada em ter sua experiência ouvida a partir da premissa fundamental do Círculo.

A produção clínica é uma aposta partilhada pelo Círculo e seus visitantes. Por isso, além de colocá-la à prova - uma tarefa cuja responsabilidade recai sobre aquele participante que estender o convite e que deverá organizar a visita - é preciso também formalizar seus resultados, a fim de precisar seus mecanismos. Após cada visita, a célula do Círculo que recebeu o convidado deverá apontar um participante que será responsável por escrever um relatório do caso.

5. Estrutura institucional

Chamaremos de **célula local** do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia um grupo de participantes, dentre os quais um ocupe a posição de Mais-Um e outro o cargo de Secretário-Geral, que se encontre para colocar à prova o projeto do Círculo.

As células locais serão denominadas “CEll-x” onde “x” é o nome da sua cidade. É possível haver mais de uma célula por cidade - nesse caso, um algarismo romano é adicionado ao final da denominação: “CEll-x-n”.

5.1 Instâncias decisórias

Consideremos agora as três instâncias decisórias do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia: o âmbito **local**, **nacional** e **global**.

(a) Local: instância em que se decidem questões referentes à manutenção de uma dada célula - sua agenda de trabalho, financiamento e parcerias locais. Como é possível que exista mais de uma célula local por cidade, a instância local também é responsável por acordos de ordem administrativa entre as células da mesma localidade. No entanto, em todos os outros quesitos, duas células no mesmo local são tão independentes uma da outra quanto células em diferentes cidades.

(b) Nacional: há uma instância nacional no Círculo porque o âmbito de atuação de algumas instituições - como partidos políticos - costuma ser a fronteira do país. Como todas as células locais em um mesmo país mantém uma associação com o mesmo partido político, a instância nacional é aquela em que decisões concernentes à manutenção dessa associação são tomadas. Decisões sobre divulgação do Círculo (ver item **5.4**), sua agenda de eventos e parcerias de escopo nacional também serão debatidas nesta instância.

(c) Global: a instância global do Círculo é dividida em duas, **decisões gerais** e **decisões especiais**. As decisões gerais, como o processo decisório pela aceitação ou não de um novo participante, pela publicação ou não de uma produção conceitual, são um direito - e não um dever - de todos os participantes, de todas as células locais. São processos de decisão que acontecem digitalmente: o formulário ou o texto circulam digitalmente por uma semana e nesse tempo qualquer um pode se posicionar. Após uma semana a decisão é comunicada pelo Secretário-Geral da célula em questão. Decisões especiais dizem respeito principalmente à re-escritura do projeto do Círculo. Tais decisões são tomadas em uma reunião com os Mais-Um e os Secretários-Geral de todas as células, que devem antes se posicionar em relação às suas respectivas células locais.

Haverão, portanto, reuniões locais, entre células de uma mesma cidade, reuniões nacionais, entre células de um mesmo país, e reuniões globais, entre todas as células. Nesses encontros, virtuais ou não, é obrigatória a participação do Secretário-Geral e o

Mais um de cada célula local correspondente. A agenda de reuniões deve circular digitalmente.

Será também escolhido, dentre os participantes de todas as células, um **Coordenador-Nacional** e um **Coordenador-Global**, responsáveis exclusivamente pela manutenção das instâncias decisórias não-locais do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia.

5.2 Documentos institucionais

É responsabilidade de cada célula local a criação e atualização da seguinte documentação:

- (a) lista de contatos (fornecedores, parceiros, visitantes, etc)
- (b) lista de participantes (atuais, antigos, etc)
- (c) calendário de apresentações voluntárias
- (d) contabilidade das notas de trabalho
- (e) lista com responsáveis por tarefas institucionais
- (f) orçamento
- (g) relatório mensal de atividades (descrição resumida das atividades do mês)

O responsável principal por redigir e atualizar os documentos é o Secretário-Geral de cada célula, mas esse pode delegar essa tarefa a qualquer outro participante da célula.

É necessário também que após toda reunião - local, nacional ou global especial - seja disponibilizada digitalmente uma ata do que foi discutido - ou mesmo a gravação em áudio da reunião, se possível.

Por isso, o Círculo dispõe de uma plataforma digital, de acesso aberto à todos os participantes, em que está disposta, de maneira ordenada, toda a documentação produzida pelas células. É de responsabilidade do Coordenador-Global a manutenção dessa plataforma.

5.3 Criação de novas células

A criação de novas células locais pode ser tanto fruto de uma demanda dos participantes do Círculo quanto de outras pessoas. Caso um participante sugira a criação de uma nova célula, será necessário que esse se disponha a ocupar inicialmente o lugar do Mais-Um, bem como a indicar um Secretário-Geral para o grupo.

Como a manutenção de uma célula é uma questão local, caberá ao Mais-Um e ao Secretário-Geral organizar o suporte financeiro para o novo grupo. No entanto, pedidos de apoio financeiro entre células podem ser discutidos em reuniões nacionais ou globais.

Caso outras pessoas se interessem pela criação de uma célula do Círculo em sua cidade, será necessário antes se inscrever em uma célula já existente, na modalidade de participação à distância, por um prazo mínimo de dois meses. A partir desse momento, sua demanda será considerada como a de qualquer outro participante presencial.

O pedido de criação de uma nova célula é primeiro discutido e aprovado pela instância nacional, que então prepara um documento formalizando essa demanda e que circulará entre todos os participantes, de acordo com o processo decisório global geral.

Uma célula será considerada *funcional* a partir do momento em que puder ser verificado pelo Coordenador-Nacional que há o exercício dos critérios de trabalho **(4.3)**, a produção da documentação institucional **(5.2)** e os recursos administrativos mínimos **(6.2)**.

5.4 Propaganda

O Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia se compromete não só a divulgar sua existência, mas também a intervir em debates locais através das mídias disponíveis.

O material de divulgação pode ter três alvos:

(a) divulgação acadêmica, buscando aqueles estudantes críticos do modo desengajado de aprendizado acadêmico.

(b) divulgação partidária, buscando aqueles militantes críticos da posição anti-intelectual da esquerda.

(c) divulgação genérica, apresentando o Círculo para qualquer um.

Os meios de divulgação podem ser tanto impressos quanto virtuais, de acordo com as disponibilidades de cada célula. O estilo e formato do material de divulgação é decidido pela instância nacional.

Além de disponibilizar informações sobre seu funcionamento, o Círculo também produz um material de propaganda, destinado a intervir em debates travados através da mídia digital. O estilo e formato da propaganda é também decidido nacionalmente, ainda que deva ser concebido tendo em vista as diferentes conjunturas locais.

5.5 Tempo

Contrariando tudo o que existe, é preciso que afirmemos: *o Círculo de Estudos da Idéia e da Ideologia não tem pressa.*

Recusamos radicalmente a noção de que atender a urgência do presente seja o mesmo que resolver suas causas. Essa demanda de urgência nos será útil somente na medida em que for remetida a uma análise ideológica de nosso próprio engajamento político, tal como definimos em uma de nossas metas no item 3.

Defendemos que a ação não é um sinônimo necessário do ato e que, enquanto o primeiro termo pode ser oposto ao pensamento, o segundo não pode: o pensamento produz consequências no mundo.

Como não estamos interessados na dignidade da ação irrefletida, mas na produção de efeitos irreversíveis na realidade, não reconhecemos na demanda incessante da ação - ela mesma fundada sobre as causas que supõe combater - nenhum suporte para a transformação política.

Dessa forma, *não haverá nenhuma demarcação que delimite o tempo de elaboração permitido aos participantes do Círculo*: nosso calendário apresentará um ritmo de trabalho, não de produção.

É preciso ter a coragem de seguir o fio do pensamento pacientemente, até que se revelem os nossos obstáculos reais.

6. Estrutura financeira

Apresentamos, por fim, a estrutura administrativa e financeira que permitirá o funcionamento das células locais e, assim, do Círculo de Estudos da Idéia e da Ideologia como tal.

6.1 Cargos e remuneração

O Círculo se divide em apenas duas posições:

(a) os participantes.

(b) o Secretário-Geral.

Só o trabalho de Secretário-Geral é efetivamente um cargo, e portanto cabe a cada célula organizar-se administrativamente de modo a remunerar esse trabalho, mesmo que apenas de maneira simbólica.

Todas as demais atividades - o Mais-Um, os coordenadores de âmbito nacional e internacional, os responsáveis por outras tarefas institucionais, etc - são parte do *pensamento militante* do Círculo e portanto devem ser encaradas como uma forma de estudo.

Ainda assim, é inegável que o trabalho do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia *demand tempo* - item 5.5 - e qualquer recurso financeiro capaz de auxiliar na criação de tempo livre para que os participantes possam se concentrar em suas atividades com o Círculo é de extrema importância. Portanto, propostas de financiamento no modelo de pesquisa acadêmica poderão ser consideradas - ainda que a decisão final necessariamente circule pelas demais instâncias do Círculo, uma vez que certos requerimentos contratuais podem vir a entrar em conflito com as premissas fundamentais do nosso projeto.

6.2 Custos e financiamento

É de responsabilidade das células locais buscar seu financiamento, que pode ser feito com recursos privados, de participantes da própria célula, com recursos de parceiros dispostos a financiar o projeto, ou mesmo através de projetos paralelos desenvolvidos com o objetivo de tornar a célula auto-suficiente financeiramente. Essas estratégias, de desenvolvimento local, devem no entanto ser debatidas no âmbito nacional.

Para que uma célula seja considerada funcional, é preciso que seja capaz ao menos de custear:

(a) o material de leitura de seus participantes.

(b) a locação do espaço de encontros

(c) a remuneração do Secretário-Geral

É permitido que uma célula local ajude outra financeiramente - tal pedido deve ser encaminhado às instâncias nacional e global especial. A criação de *cadastros de pessoa jurídica* para a obtenção de recursos financeiros é possível, mas deve ser igualmente debatida pelas demais instâncias.

Todo acordo de financiamento entre uma célula do Círculo e uma outra instituição deve ser - uma vez aprovado pelo Círculo, e consolidada a parceria - descrito em detalhes em um documento a ser disponibilizado digitalmente para todos os participantes do Círculo.